



NELSON SCHAPOCHNIK

# Linguagem, sociedade e cultura na Europa moderna

Em uma memória denominada *A Arte de Governar* escrita para seu filho e herdeiro do trono de França, o rei Luis XIV procurou transmitir alguns tópicos, mediante o exemplo e o conselho, que visavam proporcionar ao Delfim uma verdadeira propedéutica do poder. A educação do aprendiz de rei não se esgotava no conhecimento da guerra, das leis e das finanças. A “arte de governar” pressupunha também um determinado adestramento de gestos, palavras e tons de voz que articulados entre si deveriam reforçar a autoridade do soberano. Cioso de seu lugar na estrutura social e das vicissitudes advindas da sociedade da corte, o rei se mostrava agudamente perspicaz no que dizia respeito aos cuidados com a comunicação de maneira geral, e com a conversação em particular. O desprezo e a estima, a impertinência e o elogio estavam submetidos a um código socialmente partilhado que orientava aquela cultura ceremonial e a política como um espetáculo. Não por acaso, ele recomendava: “não devemos pensar que, porque um soberano tem autoridade para fazer tudo, tem também a plena liberdade de expressão” (1).

Os constrangimentos lingüísticos e comunicacionais pareciam estar em sintonia com uma tendência mais geral que incidia na difusão do autocontrole e da disciplina. O estudo destes preceitos e práticas, salvaguardadas as suas peculiaridades, foi analisado na chave da “racionalização burocrática” por Max Weber, na institucionalização da “sociedade disciplinar” por Michel Foucault, através da lógica da “civilização” e da “etiqueta” por Norbert Elias, e também reverberam na “arte da conversação”, título da mais recente obra do historiador britânico Peter Burke.

*A Arte da Conversação* se integra num projeto de pesquisa mais amplo, dando continuidade às investigações coordenadas juntamente com Roy Porter nas obras *História Social da*

**NELSON  
SCHAPOCHNIK**  
é professor de Teoria  
da História da  
Unesp-Franca.

*A Arte da Conversação*, de  
Peter Burke, tradução de Ál-  
varo Luiz Hattnher, São Pau-  
lo, Editora da Edunesp, 1995.

**ACIMA, LUIS XIV,  
AINDA DELFIM, O  
AUGE DO  
ABSOLUTISMO**

*Linguagem* (1987) e *Linguagem, Indivíduo e Sociedade* (1991) (2). Nos dois primeiros volumes desta “trilogia”, enfatizam-se as interfaces entre a língua falada e a língua escrita na construção e representação da realidade, as políticas da língua (com especial atenção para as variações dialetais e para as relações de dominação) e o desenvolvimento das formas de autodefinição do indivíduo.

Os cinco ensaios que compõem *A Arte da Conversação* descrevem um estilo e um exercício crítico que singularizam as obras de Peter Burke, isto é, através de um imenso rastreamento bibliográfico e documental, de uma interlocução clara e de um recorte espacial e temporal que o consagrou como um dos grandes nomes da historiografia cultural da Europa Moderna. No primeiro capítulo, “A História Social da Linguagem” se destaca o emolduramento do objeto, a definição do campo conceitual e sugestivas veredas que podem ser trilhadas pelos pesquisadores neste novo território.

Os três capítulos seguintes formam um bloco em que sobressai a tentativa de interação entre algumas questões teóricas e a interpretação documental. Dentre esses estudos, destaca-se a preocupação em compreender a permanência e a perenidade do latim “pós-medieval”, relativizando o quadro convencional de triunfo do vernáculo no século XVII através da atenção para com os três domínios lingüísticos em que o latim continuou a ser empregado (eclesiástico, acadêmico e pragmático). Em seguida, uma reflexão sobre as aporias da “comunidade imaginária” italiana no começo da época moderna aponta para as tensões e solidariedades entre as múltiplas marcas identitárias (regionais, étnicas, religiosas, civis) e a “*questione della lingua*”, sobretudo no que diz respeito à ascensão de línguas transregionais, como o toscano e o *cortegiano*. Já a leitura “a contragosto” de uma série de manuais de conversação, publicados entre os séculos XVII e XIX, fornece elementos para o desvelamento de normas, interdições e transgressões que regulavam os sucessivos contextos culturais analisados, sem contudo negligenciar o problema da recepção destes tratados, quer na perspectiva da institucionalização daqueles jogos conversacionais nas academias, salões e clubes ou ainda, no intercâmbio entre a palavra impressa e a língua falada.

O ensaio que fecha o livro tem um traço eminentemente inovativo na medida em que pressupõe a adoção de uma outra educação dos sentidos. Através de uma sondagem nos registros jurídicos e livros de conduta, o autor procura perscrutar o silêncio enquanto um ato de comunicação, circunscrevendo-o a três esferas: a religiosa, a política e a doméstica. A referência aos diferentes usos do silêncio, suas funções e estratégias, remetem para o lado oculto da história social da linguagem.

A confluência de duas vertentes historiográficas aparecem com irrefutável nitidez ao longo do livro, proporcionando um diálogo enriquecedor que contribui de maneira significativa para a tessitura do texto. Formado nos quadros da sólida tradição da história social britânica, Peter Burke investigameticulosamente o universo plural de conflitos e experiências dos grupos sociais, imprimindo um caráter heterodoxo no tratamento das questões culturais que muitas vezes foram tratadas como meros epifenômenos. A outra perspectiva é marcada pela incorporação de procedimentos da historiografia francesa dos Annales, da qual ele é um interlocutor privilegiado nas terras de Albion (3). Com base neste horizonte, assomam construções que buscam dispor seu objeto num quadro temporal multifário (entre a voragem do tempo breve e as resistências da “longa duração”), bem como, pela opção deliberada no estabelecimento de um trabalho interdisciplinar, servindo-se de um campo conceitual e procedimentos metodológicos fornecidos pelas demais ciências sociais.

Ao enfatizar a extensão, a velocidade e a falta de linearidade no processo de estabelecimento desta disciplina interessada numa abordagem histórica dos fenômenos lingüísticos, denominada de “história social da linguagem”, “história social do falar” ou ainda de uma “história social da comunicação”, Peter Burke sublinha a “enorme diferença entre a consciência imprecisa a respeito de um problema e a sua pesquisa sistemática”. Nesse sentido, ele proporciona um mapa das lacunas, das conquistas e sinaliza para a possibilidade de novos avanços. Por conseguinte, a utopia da “história total” passa necessariamente pelos caminhos da representação lingüística.

A velha idéia de que a linguagem possui

1 Luís XIV, *Memória sobre a Arte de Governar*, Trad. Maria da Graça M. Sarmento, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1976, p.74.

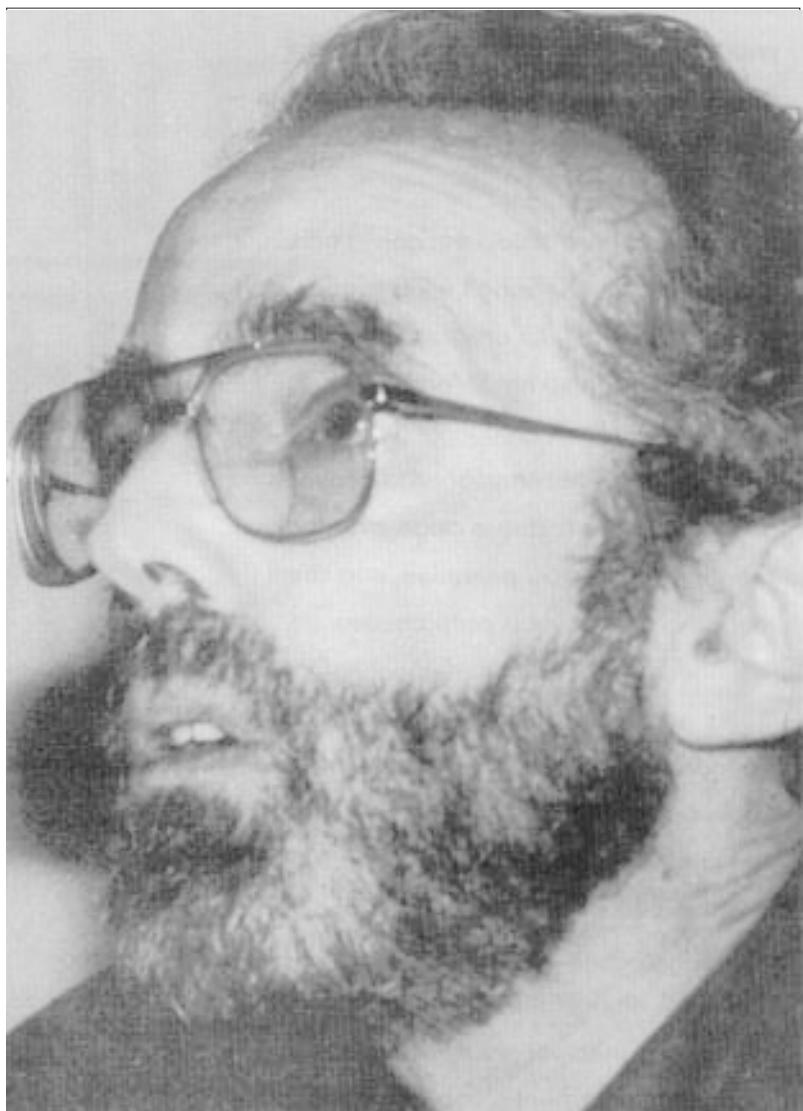
2 O primeiro volume foi publicado pela Edunesp em 1993; o segundo volume será publicado em 1996.

3. Para uma avaliação da recepção dos Annales na historiografia britânica, veja do autor: “Reflections on the Historical Revolution in France: The Annales School and British Social History”, in *Review. A Journal of Fernand Braudel Center for the Study of Economies, Historical Systems, and Civilizations*, v.1, nº 3-4, Binghamton, Nova York, 1978, pp.147-56. Para uma apreciação do movimento annalista, veja também do autor: *A Escola dos Annales 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia*, trad. Nilo Odáia, São Paulo, Edunesp, 1991.

uma história se converte em um novo desafio, iluminando um continente nem sempre explorado pelos historiadores. Visando atingir esse alvo, ele procede a um recorte que procura dar conta das contendas travadas pelos "neogramáticos" do século XIX, preocupados com a reconstrução de formas primitivas de algumas línguas, para chegar aos trabalhos mais recentes de uma ampla comunidade interpretativa formada por sociólogos, etnógrafos e sociolinguistas.

Peter Burke se utiliza com maestria daquilo que os mestres retores denominaram de "via negativa" para delimitar a sua abordagem. Através de um jogo de oposições, ele ressalta a necessidade de um "espaço conceitual" que se apresente "como uma tentativa de acrescentar uma dimensão social à história da linguagem e uma dimensão histórica à obra de sociolinguistas e etnógrafos da fala". Não parece ser equivocado afirmar que na perspectiva adotada pelo autor sobressai um certo privilegiamento da história externa da linguagem, isto é, sua obra tende na maioria dos casos a explicitar uma história dos usos da linguagem. Embora não negligencie alguns aspectos de ordem interna ou estrutural, a tônica dos ensaios está assentada numa argumentação que orienta os estudos na direção de "quem", "para quem", "como" e "quando" se realizam os atos comunicativos. Talvez, por essa razão, toda uma linhagem de estudos críticos (como, por exemplo, o formalismo russo ou o Círculo Lingüístico de Praga) não seja incorporada nos horizontes desta investigação.

É na contracorrente das teorias que concebem a linguagem como uma "prisão", que reprimem o comportamento dos usuários e estabelecem regras estritas de funcionamento, que se revela o porquê da inclusão do termo "social" no nome de batismo desta disciplina. O papel ativo da linguagem na criação da realidade e as variações específicas dos seus usos por homens e mulheres, grupos profissionais e religiosos, conferem à expressão "social" um qualificador problemático para a compreensão das relações entre os usos e os contextos da comunicação.



Peter Burke parece muito mais sintonizado com a chamada "guinada lingüística" e os problemas relativos ao "significado simbólico" que um grande número de pesquisadores. Não por acaso, ele se mantém atento para alguns aspectos tradicionalmente relegados pelos historiadores mais tradicionais, afirmando categoricamente que "o meio, código, variedade ou registro empregado é uma parte fundamental da mensagem, que um historiador não pode se dar ao luxo de negligenciar".

Parece que é chegada a hora de encerrar esta "crítica parcial" através da adoção do "silêncio eloquente" preconizado pelo Duque de la Rochefoucauld e deixar ao leitor solitário o prazer da leitura d'A Arte da Conversação.

O HISTORIADOR  
INGLÊS PETER  
BURKE